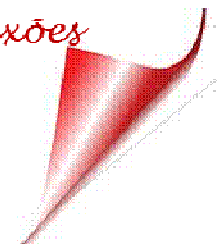


Franz Kafka é autor de textos clássicos como *O Processo*, *O Castelo*, *A Metamorfose* e de diversos contos. Um desses contos se intitula “Chacais e Árabes”, onde, mais uma vez, ele utiliza a linguagem simbólica como principal recurso literário. A interpretação deste conto é extremamente difícil, sendo, como diria Theodor Adorno (1998) mais um “enigma de Kafka”. Procuraremos, aqui, decifrar este enigma.

Essa não é uma tarefa fácil. Afinal de contas, as dezenas de interpretações de suas obras, que são as mais diversas, desde as “judaizantes”, passando pelas psicanalíticas até chegar às gramscianas/lukacsianas, entre outras, oferecendo um amplo painel interpretativo (FROMM, 1983; ADORNO, 1998; BROD, 2000; ANDERS, 1978; ROBERT, 1963; COUTINHO, 1977).

O conto narra a aventura de um europeu em terras árabes. O europeu está em um acampamento com árabes. Era noite e todos, com exceção do europeu, dormiam. De repente, o europeu se vê cercado por Chacais. O mais velho dentro deles toma a palavra e lhe diz que várias gerações de Chacais o esperavam. O velho chacal fala do ódio que os Chacais possuíam pelos árabes. O europeu, num determinado momento da conversa, pensa que os chacais planejam matar os árabes e avisa que estes estão armados de rifles e, caso tentem isto, morrerão aos montes. O líder dos chacais diz que não é isto que eles querem e o europeu pergunta “o que vocês querem, chacais?” (KAFKA, 1994, p. 27). A resposta é:

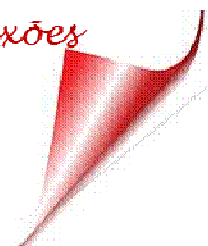


Senhor, deve acabar com a disputa que divide o mundo em dois. Nossos antepassados descreveram aquele que irá fazê-lo exatamente assim como você é. Precisamos de paz com os árabes, de ar respirável; purificada deles a vista em torno do horizonte; nenhum grito de lamúria de um carneiro que o árabe esfaqueia; todos os animais devem morrer tranquilamente; bebidos por nós sem transtorno até ficarem vazios e limpos até os ossos. Limpeza, nada mais que limpeza é o que nós queremos (KAFKA, 1994, p. 28).

Os chacais trazem uma tesoura para que o europeu corte os pescoços dos árabes de lado a lado. Neste momento, surge o chefe árabe da caravana e com o seu chicote dispersa os chacais. O europeu pergunta ao árabe o que os animais queriam e este responde que os chacais possuem a “esperança absurda” de que um europeu com a velha tesoura irá completar a grande obra, o extermínio dos árabes. Os chacais são loucos, mas, mesmo assim, os árabes sentem amor por eles.

O chefe da caravana manda, então, jogar aos chacais um camelo que morreu durante a noite. Os chacais não resistiram e se aproximaram: “tinham esquecido os árabes, esquecido o ódio, fascinava-os a presença do corpo que exalava um cheiro forte e obliterava tudo” (KAFKA, 1994, p. 31). Lançaram-se, então, sobre o camelo. O chefe árabe os castigava com seu chicote e eles se afastaram. Entretanto, eles não conseguiram resistir e logo estavam de volta e o chefe da caravana ergueu, novamente o chicote, que, no entanto, não chegou até os chacais porque foi segurado no braço pelo europeu. O chefe árabe disse que ele tinha razão. Deixemos os chacais com o seu trabalho, disse ele. E termina dizendo: "animais maravilhosos não é verdade? E como nos odeia!" (KAFKA, 1994, p. 31).

Qual é o sentido de tal construção literária? A princípio ele parece se encontrar na oposição entre chacais e árabes vista pelo europeu. Os chacais tinham suas ações movidas por quatro motivos: pelos instintos, pelo ódio, pela esperança e pela covardia. Os árabes eram movidos por um único motivo: o uso da força. O conflito entre chacais e árabes ocorre porque os primeiros querem possuir os outros animais e isto é dificultado

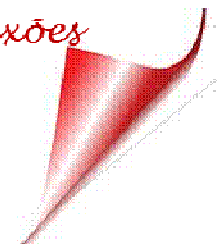


pelos árabes. Portanto, os chacais, por instinto, necessitam dos outros animais, como isto é dificultado pelos árabes, cria-se um sentimento de ódio em relação a estes.

Tal ódio gera a esperança messiânica na vinda de um europeu que virá libertá-los dos árabes. É como observou o chefe árabe, uma “esperança absurda”. Esta esperança é gerada pela covardia dos chacais que evitam um confronto direto com os árabes. O próprio líder dos chacais esboça a compreensão do engano de sua esperança ao notar durante o diálogo, que o europeu o “interpretava mal” segundo a “maneira dos homens”. Os chacais queriam ser libertados dos homens (os árabes) através de um homem (o europeu). Isto demonstra, ao mesmo tempo, uma “esperança absurda” e uma “covardia”.

Mas a covardia tem uma justificativa: os chacais reconhecem que são “pobres animais” que possuem “apenas as mandíbulas”. Os árabes possuem o poder simbolizado no chicote e no rifle. Por isso, podem negar ou ceder à alimentação necessária aos instintos dos chacais. O camelo que é jogado aos chacais serve apenas para demonstrar quem detém o poder. Os chacais se submetem ao poder dos árabes para satisfazer suas necessidades imediatas. Isto os leva a corromper o seu próprio ideal de libertação. Assim, reforça-se a submissão dos chacais e a dominação dos árabes.

A partir disto é possível perceber a alienação entre os chacais: eles abandonam o papel de agentes de sua própria libertação e aderem à “esperança absurda” de terem sua emancipação conquistada por um homem, no caso, o europeu, o responsável por agir em seu lugar. Assim, ao serem dirigidos por outro em seu processo de libertação, eles, no fundo, abandonam seu projeto de emancipação na busca de satisfação imediata de suas necessidades. Ao abandonar o ato de libertação, abandonam a liberdade e substituem sua luta pelo conformismo. Os árabes se beneficiam disto e reproduzem, desta forma, o seu poder. E o europeu? O europeu é Franz Kafka, que observa o drama humano da alienação e o descreve como uma história de chacais e árabes.



Assim, a nossa interpretação é bem mais próxima da de Fromm (1983), segundo a qual a alienação é um dos elementos fundamentais em sua produção literária, apesar de concebermos alienação sob forma diferente. De qualquer forma, a liberdade é um tema presente e permanente nas obras de Kafka e o conto aqui comentado aponta para o desejo e o abandono da liberdade, a sua motivação – as necessidades imediatas ditadas pelo “instinto”, obviamente algo metafórico – e a reprodução da dominação graças a isso. É uma réplica da relação entre proletariado e burguesia e, apesar de não explícito, mas tendo em vistas as inclinações socialistas de Kafka, então é possível pensar nesse conto como uma metáfora da luta de classes, apresentando a supremacia da burguesia e sua razão. O estrangeiro, o europeu, que libertaria os chacais é um observador, mas também é uma “esperança absurda”, pois a libertação por outro é apenas um novo aprisionamento.

Poderíamos atribuir o significado de que o europeu é aquele que observa a luta de classes e que os chacais, com sua esperança absurda, o tomam como aquele que irá libertá-los. É a mesma esperança absurda que partidos, representantes, libertem os explorados e oprimidos. Nesse sentido, os chacais deveriam abandonar suas esperanças absurdas e libertarem a si mesmos e para isso precisariam primeiro se libertar de suas próprias limitações, de ficarem presos às necessidades imediatas, ou, em termos marxistas, deixar de ser classe determinada pelo capital para ser classe autodeterminada (VIANA, 2014). Assim, resta a todos deixarem de agir como chacais e lutarem por sua própria libertação.

Referências

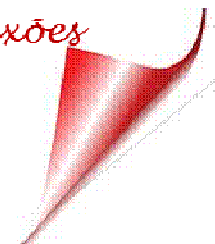
ADORNO, Theodor. *Prismas*. São Paulo: Ática, 1998.

ANDERS, Günter. *Kafka: Pró e Contra*. São Paulo: Perspectiva, 1978.

Ano 01, numero 01, jan./mar. 2014

[26]

Poeticus - Revista de Poesias, Artes e Reflexões



BROD, Max. *Kafka*. Buenos Aires: Emecé, 2000.

COUTINHO, Carlos Nelson. *Kafka: Pressupostos Históricos e Reposição Estética*. In: Revista Temas de Ciências Humanas. São Paulo: Grijalbo, Ano 02, nº 2, setembro de 1977.

FROMM, Erich. *A Linguagem Esquecida*. Uma Introdução ao Entendimento dos Sonhos, Contos de Fadas e Mitos. 8ª edição, Rio de Janeiro, Zahar, 1983.

KAFKA, Franz. *Um Médico Rural*. Pequenas Narrativas. 3ª edição, São Paulo: Brasiliense, 1994.

ROBERT, Marthe. *Franz Kafka*. Lisboa: Presença, 1963.

Ano 01, numero 01, jan./mar. 2014

[27]

Poeticus - Revista de Poesias, Artes e Reflexões

